

O descolocado

AMÍLCAR BETTEGA*

Beijing International Studies University – China

Naquele tempo eu saía cedo de casa para procurar emprego, sem muita vontade de encontrar, é verdade, mas vestia a minha melhor roupa e assumia este ar misturando obstinação, preocupação e seriedade, o que me deixava bastante convincente no papel de desempregado em busca de colocação, que eu, modéstia à parte, sempre desempenhei muito bem.

O verão se aproximava e o sol brilhava desde cedo. As cores como que saltavam das coisas. Vida, por ali, era o que não faltava.

Se lhes disser que eu rapidamente encontrava um parque e lá me via sentado na grama à sombra de uma árvore, vocês vão fazer, talvez, uma ideia não muito favorável de minha pessoa. O que sinceramente lamento, mas ao mesmo tempo não posso contrariar alguns dos princípios que tenho entre os mais caros.

Na verdade, a simples ideia de que alguém pudesse, àquela hora do dia, com tal exuberância solar se espalhando pelas ruas, estar encerrado entre as paredes de um escritório ou de uma fábrica, me deprimia imensamente. Sempre soube

que nesses nobres locais cumprem-se tarefas muito importantes, mas sem muita relação com o sentimento de fazer parte do mesmo mundo que aquele sol iluminava com insistência.

Eu tinha a impressão de que tudo o que estava de fato vivo estava do lado de fora. Externamente. Como se só fosse possível viver do lado de fora. Assim, eu logo procurava me integrar a tudo o que representava esse “fora”. E o parque, as árvores, a grama, a cidade a céu aberto em comunhão com o sol generoso, tudo isto era a síntese do que para mim havia de mais vivo e ativo. E era ali que eu podia me colocar.

Portanto, sentado assim, às vezes até deitado sobre a grama e sob a sombra da árvore cujos galhos filtravam a luz e o calor que o sol derramava sobre nós, eu me sentia como um irmão daquela árvore e daquela grama.

É bom para um homem sem colocação sentir-se amparado pela fraternidade. Pois naquela árvore e naquela grama eu encontrava um grande apoio. E assim reconfortado, punha-me a refletir sobre a minha situação.

* Amílcar Bettega Barbosa é escritor, Doutor em Letras/Escreita Criativa pela PUCRS e Sorbonne Nouvelle – Paris 3. Atualmente leciona Português e Literatura e Cultura Brasileiras na Beijing International Studies University, na China.

Mas antes tirava a camisa e a pendurava num galho que a irmã-árvore me estendia com delicadeza, para que minha camisa não amarrotasse. Tinha muito presente a importância de manter a boa aparência quando se busca uma colocação. O cuidado com a vestimenta é um ponto que os potenciais empregadores nunca deixam de observar. No que me concerne, apesar das condições materiais limitadas – o que é compreensível, e até de bom tom, quando se trata de um desempregado – o zelo com que eu portava minhas roupas era impecável.

Roupas simples, claro, mas corretas: uma camisa branca de mangas compridas e colarinho razoavelmente preservado, uma calça azul-marinho de um tecido sintético, mas leve e adaptado à estação, e um par de sapatos que cobrira já uma boa quilometragem mas com um farto tratamento de cera e solas em bom estado.

Simplicidade e correção. Aí estão qualidades que poderíamos estender das roupas à pessoa que elas vestiam. Qualidades nada desprezíveis, vamos convir, para aquele que precisa empregar alguém. Se eu, por exemplo, precisasse dos serviços de alguém, não tenho dúvida que buscaria uma pessoa simples e correta.

O leitor poderia achar que pratico aqui uma forma mal dissimulada de autoelogio, este gênero literário cada vez mais difundido por aí. Mas não foi essa minha intenção. Apenas é que, ali, pensando nestas coisas, eu tentava realçar minhas qualidades e manter uma postura positiva, apesar da fragilidade a que minha condição me remetia. Neste aspecto, creio que os psicólogos e consultores de recursos humanos aprovariam minha atitude.

Obviamente isso não é motivo para esconder minhas limitações. Nunca soube

fazer grande coisa, é verdade, porém sempre estiveram entre as minhas características o empenho e certa abertura de espírito para ampliar os horizontes de conhecimento e aprender novas tarefas de maneira a satisfazer um suposto empregador. Sem ser muito inteligente, empenho-me a dizer, contudo, que seria um exagero me taxarem de retardado mental. Na presença de um chefe paciente e compreensivo, eu seria capaz de render de maneira bastante satisfatória.

O mundo é grande e generoso, há espaço para todos!

A vantagem de refletir sob a sombra de uma árvore é que chegamos a observações desse tipo. Se eu estivesse sob o céu de néon de um shopping center seria mais difícil fazer essa constatação. Assim, imbuído e fortalecido por esta ideia positiva do mundo, ali, deitado ao pé da árvore, eu me preparava para ir em busca do meu lugar neste mundo.

Na hora do almoço, as ruas e os parques recebiam mais gente e o espetáculo se renovava. Agora, além do sol sobre a cidade, o movimento das pessoas saindo do trabalho para ir almoçar dava ainda mais vida ao dia, que àquela hora explodia em exuberância. Uns iam aos restaurantes, outros vinham comer sanduíches no parque, outros ainda aproveitavam para ler um livro ou jornal. Muitos homens de paletó e gravata, elegantes apesar do calor, davam prosseguimento aos seus assuntos do escritório, agora com menos formalidade.

Era de fato um prazer estar ali e fazer parte de todo aquele mundo em movimento. Aí eu vestia outra vez a camisa, me despedia da irmã-árvore e saía com um passo firme para me misturar aos outros.

Mesmo sendo a hora do almoço as pessoas tinham consciência que não

podiam perder tempo. E eu também entrava neste ritmo sensacional e imprimia certa pressa no andar, o que me caía muito bem. Quando, por exemplo, num cruzamento alinhávamos todos no cordão da calçada diante dos carros que passavam em velocidade à nossa frente, eu demonstrava bem o meu ar de impaciência. Então, quando o sinal abria para os pedestres eu era o primeiro a descer do cordão e a chegar ao outro lado da rua, exultante e

sempre com esse meu ar obstinado e sério de quem sabe o que quer.

Naquela época eu tinha um belo vigor nos passos, a cabeça erguida, e meu rosto podia exprimir uma preocupação que convinha bem à minha condição de homem em busca de uma colocação.

Que dias, aqueles!

Recebido: 16 de agosto de 2014.

Aceite: 14 de setembro de 2014.